ESTALEIROS DE VENTO

FRANCISCO ORBAN

Estaleiros de vento

Premiado pela União Brasileira de Escritores
com menção especial do Júri Walmir Ayala
2003

Bagdá/Rio

Fico em casa entre as telhas do tempo
desorganizadas
Amparado só pelas estrelas
de minha cidade
Assolado pelas palavras
que chegam
Não é a minha língua
o que se fala pela tarde
onde se ouvem as balas e os tambores
Não é a língua da partilha o que se ouve
mas a solidão da carne
estraçalhada
Fico em casa
assistindo a nova guerra
feita para matar sem morte
ferir a madrugada
e fazer harpas milenares

desaparecerem da história do mundo
Mas como falar sobre a razão
entre as palafitas dos sonhos
da minha geração perdida

olhando o menino sem braços
que chora em Bagdá
olhando os meninos das ruas do Rio de Janeiro
os meninos e as meninas
da minha cidade ferida

Na curva do rio

Jogaram meu coração
na curva do rio
Em seu lugar
nasceu uma árvore
de madeira de lei
mas sem a voragem
dos que percorreram
outonos em transe
sem a folhagem
que cobria os canteiros
da terra
sem a fé dos dançarinos
de Deus
De extinção entendo eu
esse que segue
sem seu coração
de menino

Porto abandonado

Velho outono ferido pelo país dos caminhos
por ti sitiei cidades e um porto abandonado
onde toda a dor escoava
Por ti vesti uma roupa de sobrados
sob as marquises de um sonho
E quando tudo exauria-se na noite
as almas dos poemas retornaram
como luas embrulhadas em um transe

Salas do mundo

E se as palavras forem apenas signos esquecíveis
e nossas vidas apenas ventos provisórios?
E se os móveis dos sentidos
não tiverem mais sentido
e não couberem mais na sala do mundo?
E se os barcos do amor
adernarem em rios apagados
e o sorriso da mulher amada for apenas
um relâmpago
e se árvores crestadas e secas povoarem o planeta?
E se o branqueamento dos corais
for para sempre?
E se a extinção for para sempre?
Então não ficará o registro de que amamos
e de que aqui estivemos como humanos

Praça dos momentos

Eis que são de vento
essas palavras que passam
e que colho
nesta praça dos momentos
onde me ergo
alicerçado no nada
Cada uma tem seu gosto
e a elas conferimos
estradas
Cada palavra é passagem
com sua paisagem
inacabada

Tabuleiro

Na minha cidade existia um rio
que foi bombardeado
e hoje é um lodaçal
de peixes que dormem
de cabeça para baixo
Existia um rio
no coração de cada homem
muitos bombardeados
com o antraz das palavras que calcinam sonhos
Existia uma lua na minha cidade
que pousava como um grande
tabuleiro de paz sobre a noite
onde os corpos dos internautas terminais
eram embrulhados em sudários
Na minha cidade
os poetas recostavam o rosto no chão
para ouvir a cidade que resistia

Relógio

Que relógio é esse
batendo às cinco da tarde
entre as folhagens do tempo
e as ramagens do nada?

É a noite que o fita
e os homens o habitam
em sua febril batida
nas avenidas das almas

É a noite que o tece
em suas horas cansadas
onde a gestão da vida
em nosso rosto se talha

Casca da claridade

Se tirar da claridade
a sua casca
surgem as palavras
que escapam do outono
quando não adestradas

Pois os poemas são orações
para adormecer as crianças
e lembrar aos homens
que as tardes
são como canções breves

Os poemas são pássaros
de claridade
que carregamos
nos bolsos da alma

Quando

Quando eu envelhecer
e os versos forem só minha pousada
já não andarei na terra para lutas
mas para plantar palavras
Quando envelhecer
guardarei teu rosto
que é o navio da minha alma
entre as samambaias do tempo
que o tempo também tem safras
onde colho meus poemas
que crescem a cada estação
assim como te colho
a cada dia que passa
nas terras do coração

Casca

Alagados do destino
o mundo que não é de todos
no rosto de um menino

De pés descalços
no agora
nas palafitas das horas

Definhando sem poesia
até tornar-se só casca
do que a claridade
prometia

Mãos e canções

Não velejarei mais no mar
com minhas canções
Mas quem atou meu coração
que amava a madrugada?
Quem a tirou dos comboios
das estações das festas?

Não velejarei mais no mar
com o remar das tuas mãos
A tarde não te move para as estações
dos meus versos
Nesta vida não foi dádiva ser poeta
Na minha alma que não cicatriza

Porto do coração

Não foi o advento da lua
foi um barco
que fez meu coração
perder seu porto

E o porto do coração
é a verdade
sem a qual o barco
não tem pouso

Teu rosto

Como os navios ancorados
meus sentimentos estalam
nos estaleiros da tarde
onde teu rosto
aparece belo
e sem fim

É curta a vida para seus naufrágios
É larga a nau dos desencontros
Como os muros do adeus retornaram
como se tornaram labirintos largos
São para ti os meus poemas meu amor
é com eles que te ofereço as palavras
buscadas num lugar raro do mundo
para que o nunca dê lugar ao sim
e os navios possam ganhar os mares

Arrastão

Recolho do mar
os poemas
para que assim
renasçam
com seus motivos
de vento

Que importa se me trazem
a exaustão das estradas
ou os sudários esquecidos
dos habitantes do frio

Que importa se me trazem
a pele franzida e aguada
do escalpo de uma estrela
caída da madrugada

Nos anzóis do dia-a-dia
fisgo os poemas
que emergem
da foz de um mundo
não feito

E há sempre uma safra nova
com seus motivos e vinhos

Caminho por meus poemas
pois são estradas de vento
Caminho pelo que são
passagem para a imensidão

Pelo país da noite

Esperei na orla dos ventos
tua volta
Como um rei que se reconhece
vencido
transitei pelo país da noite
criando palavras
insones

Nada foi o amor
sem o teu rosto
E quando as palavras
tornaram-se engodos
migrei pela exaustão das horas
inadequado e triste
para os poemas de água
que te fiz

Palavras

O que fizeram com os poetas
da minha rua?
Por que foram deportados
da foz de suas palavras?

E o que fizeram com as ruas
com os passos lentos
dos homens comedidos
que tinham a sabedoria
de viver a paz?

O que fizeram com as namoradas
da minha rua?
De que alpendres
de dezembros descuidados
as retiraram?

Lua

Uma lua de prata pousava em seu rosto
Não era agosto, não era nada. Só a lua de prata
que o seguia. Então quis tirá-la de si, arrancá-la
do norte da alma, mas ela com sua ausência
o buscava. Viu então que tinham remos,
e um rumo ao outro remavam. Viu então que tinham
os rostos, da natureza das águas. Tentou então esquecê-la,
mas ela então retornava, tentou então esquecer-se,
mas sempre voltava para si. Tentou por fim
dar-lhe o mar. O mar e seu país azul,
os búzios de uma ordem naufragada.
Mas nada foi possível. Então fugiu para dentro
da noite, com os seres debandados de um sonho.
E foi pior, na noite, a lua reinava

Acontecimentos

O que não houve entre nós
não foi porque eu quis
e você não
ou porque não dissemos
na hora exata
o que muito depois
já não era motivo de palavras
O amor não é uma árvore
que nasce cresce e morre
Só as ramagens da terra morrem
Só elas se desfazem do amanhecer
sem deixar marcas

Dezembros

Quando dezembro chega
não falo mais de ti poesia
não me abato mais
com tua ausência
feita de tamanhas seqüelas
Vejo nas ruas
as quartas-feiras grávidas,
as latas chutadas dos poemas
e versos improvisados
Quando dezembro chega
acato o que dizem as palavras.
Avanço por dentro
da noite
em busca do país
negado

Navios

Como tirar um navio
dos estaleiros do coração
se um navio não cabe
nas ruas da cidade?

E como drenar seus rios
com suas tardes
de repousos oceânicos
e descansos pelas estações
dos mares?

Como tirar um navio do coração
sem comprometer
a rota de seus rumos
e seu adorno de velas brancas?

Como resgatá-lo
com seu sangue aguado
pelo afago das maresias
e seu dorso silenciado
pelas noites adernadas
nas estradas de mar
desse mundo?

Como tirar um navio
do coração
gestado nos estaleiros
das palavras
desse breve poeta
que navegou sempre
no impossível da alma?

Migrações

Aqui passaram
as grandes migrações
como do mar as aves
de seu tabuleiro azul
Do mar vi vidas de areia
revoarem sonadas
de suas províncias de águas

Do mar veio isso que nos fala
essas jangadas de vento
Dele guardo as rotas dos navios
e as redes abandonadas
dos navegadores cegos

Ausências

E de que adiantam ausências
se com elas só faço canções
Meus poemas são os haras
dos meus sentimentos sem fala

Ar de canção

A tua sombra
e o teu ar de canção
vestem as palavras
com que te dispo

Reencontro

Te afagava o rosto
tuas pernas eram longos caminhos
afoitos
Te afagava o corpo
os pássaros desciam do outono
e a noite pousava
como uma grande cidade

Quis sentir teu abandono
este poeta
que voltou
de um longo sonho

Pernoites

E não há estação de fuga
pernoite em terras amenas
Os poemas são descuidos
nas horas secas do mundo

O poema do encontro

Dentro da noite desordeira
mudas as palavras velejavam
Eram as vozes
do mar e das águas
que em seus olhos
faziam itinerário
Assim, eu passei a amá-la
janeiro nascia nas ruas
tecidas de favos da lua
assim como seu rosto que eu amava
Assim ela me viu
em meio a multidão
que o mar tangia

Ao longe os atabaques assistiam
a noite sitiada de surpresas
de modo que ao dizer
que a queria
ela sorriu para mim
Porque já era seu
o meu amor
que seus olhos
de mim
escondiam

Menino de vento

Nunca mais voltei à infância
e sua comunhão com as águas
onde me plantava para ouvir
o ventre da madrugada

Guardei as mãos de meu pai
que me levavam para circos
Depois não mais as achei
nem os circos que faziam
me sentir menino e rei

A vida é um rio sem hora
com seus ventos e estrelas
mas sempre levamos dela
o que dela se desbota

A vida é uma cadeia
da qual só se sai sem volta
mas sempre guardamos dela
o que dela incendeia

Saí do destino do tempo
como um menino de vento
mas o sentido do tempo
não me foi dado por horas
Mas o sentido do tempo
com seu absinto lento
só me chegou muito tarde
pois já não pisava o chão
mas as terras da poesia
com sua música e pão

Viver me fez me cumprir
pois fui escultor de palavras
Da infância trouxe o visgo
sem seu sudário sem vinco
e a levo para toda parte
em minha memória de circos

Assim como as mãos de me pai
que foi alfaiate de almas
que me deu um terno cinza
com mangas de madrugadas
mais Carlitos que bom moço
mais menino que senhor
mais sonhador que doutor

Mas esse terno me cabe
e com ele ganho estradas
que não são feitas de pedras
mas da voragem de asas

Quilombos

Do outro lado do rio
as flores cresciam frias
no tronco das águas densas
do que um dia foi palavra

Do outro lado do rio
um menino jogou pedras
debruçado em silêncio
no ventre da madrugada

Do outro lado do rio
a Cidade sitiada
com suas praças de luzes
e seus quilombos de água

Cacos

Do infinito perdido
que restou em mim
ficaram uns quintais de sombra
que resvalam das mãos para a tarde
Na verdade só são uns cacos
onde o gosto do que não houve
corta mais do que o vivido

Rio de Janeiro

As cercas já comprometem o destino
desta cidade
de rios camuflados
e comandos armados

Éramos todos brasileiros
e o verão era a primeira
estação do ano
Éramos da maior
bateria do planeta
e da Geral se via o futuro
quando nos vestíamos
de janeiros
nos meses frios de julho

Quantas vezes
saímos pela noite
e era verão na pele das ruas
quando o Rio era um país
de claridades
e cidades iluminadas
(sem fronteiras)

Um país que começava
em frente ao cinema Olinda
e levava sua ala de sonhadores
ao cinema Rian
e namorava com suas namoradas
na Atlântica
e ceava com seus banhistas
em frente à liberdade de estar
nas ruas
ainda não sitiadas.